

Apresentação

No 110º aniversário de nascimento de Guimarães Rosa, o volume 27, n. 3, da *O Eixo e a Roda: Revista de Literatura Brasileira* reúne trabalhos que enfocam temas e questões que trazem novas perspectivas em relação aos estudos consagrados sobre os textos de Guimarães Rosa e o próprio autor, em busca de renovar as formas habituais de leitura de sua ficção. Assim, este número apresenta trabalhos que estabelecem diálogos entre a obra e pensamentos críticos e proposições culturais e estético-literárias da atualidade. Entre os temas e perspectivas adotados, destacam-se questões e conceitos relativos a tradução, comunidade, arquivo, relações interartes e indeterminação discursiva. Os textos apresentados evidenciam, também, luzes que a produção do autor lança sobre o presente.

O número se inicia com o instigante texto de Caetano Waldrigues Galindo, “Pode o intraduzível traduzir-se. Deve”, que discute a “traduzibilidade das obras-limite, ditas intraduzíveis”, como o *Finnegans Wake* de James Joyce, e o *Grande sertão: veredas* de Guimarães Rosa. Galindo defende não só essa traduzibilidade, como também afirma que a radicalidade desses textos torna “ainda mais central sua condição de ‘traduzíveis’”. Para o autor, as obras-limite são menos “eventos singulares irrepetíveis e dependentes [...] das singularidades de um idioma e do gênio original que lapidou sua prosa naquele formato único, inflexível, e mais propostas, receitas, desafios estabelecidos e pré-determinados em suas condições de verificabilidade [...] por aquele mesmo gênio criador, que [...] estabeleceu as regras de um jogo, novo, que pode e precisa ser jogado em outros meios, em outros momentos”, e “que deve ser reproduzido vezes sem fim para gerar o contínuo de dados, efeitos, sentidos e vivências que possa vir a formar o agregado de formas e possibilidades que, no limite, conformará a ‘obra’”.

Segue-se a ele “A (outra) gente: multiplicidade e interlocução no *Grande sertão: veredas*”, em que Alexandre André Nodari reflete sobre “o papel que a interlocução, enquanto alternância colaborativa entre fala e escuta, escrita e (re)leitura, desempenha, tanto no dizer de Riobaldo [...] quanto na sua concepção metafísica”. Atentando para a importância da “conversa” com Quelemém, anterior à narração de Riobaldo, e para

aquela que se constitui no livro com o hóspede da cidade, além de todas as outras que estabeleceu ao longo de sua “travessia”, o autor discute como o ex-jagunço “tece a trama de sua vida do composto das outras vidas reais e imaginárias, havidas ou ouvidas [...], dando corpo aos seus muitos fios e chegando a uma posição subjetiva, antes perdida com a morte de Diadorim” e reencontrada “por meio do seu agenciamento enunciativo”.

No texto seguinte, “A literatura urbana de Guimarães Rosa”, Frederico Antonio Camillo Camargo examina os textos de ambiência urbana publicados nos livros póstumos do escritor mineiro – *Estas estórias* e *Ave, palavra*. Depois de agrupá-los de acordo com afinidades formais e temáticas (como “o estilo fragmentado e a atitude ambivalente com relação à cidade; a representação dos males do regime nazista; e a figuração de sujeitos oprimidos pelo sistema de sociabilidades que a urbe impõe”), os textos “são contrapostos à literatura sertaneja de Guimarães Rosa e distinguidos [dela], especialmente, pelo enfraquecimento do modo ficcional”, que seria “promovido pelo recurso amplo à voz autobiográfica e pelo emprego de um discurso mais reflexivo ou sentencioso”.

Já em “Imagens do povo em *Grande sertão: veredas*”, Guilherme Zubaran de Azevedo lê o livro rosiano a partir de conceitos de povo e comunidade, tendo como pano de fundo o Brasil desenvolvimentista dos anos 1950. Segundo o ensaísta, a “afirmação coletiva da nação [...] implica [...] uma dívida com os povos e os cadáveres do sertão [...]”. O pesquisador articula em sua escrita noções de justiça e memória, trazendos um arguto olhar sobre personagens que vivem sua sina diária em um espaço que se encontra, ao mesmo tempo, dentro e fora do mapa da nação moderna. Guilherme Azevedo aborda “a população sertaneja não como uma união coesa, mas como uma multiplicidade de singularidades que habitam e convivem numa dimensão comunitária da vida”.

Em “Rosa e a vida das plantas: a metafísica da mistura no *Grande sertão: veredas*”, Renata Sammer articula uma leitura atenta e reveladora da presença das plantas na obra de Rosa, em particular em *Grande sertão: veredas*, com uma interrogação ampla do valor metafísico da diferença e, em especial, da produção dessa diferença na proposta filosófica do escritor. A autora demonstra, deste modo, que a representação complexa do mundo natural em Guimarães Rosa contribui para a construção de formas em devir que afetam todos os planos (linguístico, narrativo, formal, filosófico) da obra do escritor mineiro, configurando uma revisão da metafísica que antecipa movimentos da “virada ontológica” contemporânea.

A esses estudos, seguem-se quatro textos que se caracterizam pelo trabalho com fontes primárias. No primeiro deles, “Entre Goethe e Hitler – o Diário de Guerra de João Guimarães Rosa”, Georg Otte avalia anotações realizadas por Rosa no diário que o escritor manteve quando viveu em Hamburgo, no período da Segunda Guerra Mundial. Assim como outros textos da revista, o ensaio apresenta um agudo olhar para diálogos existentes entre literatura, memória, ética e política. George Otte, debruçando-se sobre traços da escrita e sobre a montagem do diário do escritor e diplomata brasileiro, assinala que “não se trata de se posicionar, politicamente, a favor ou contra o nazismo, mas contra qualquer política que cometa ‘crimes contra a humanidade’”.

No ensaio “Caminhos da consagração: Guimarães Rosa e o julgamento crítico”, Mônica Gama investiga, também a partir de pesquisas realizadas em arquivos, facetas pouco conhecidas do percurso rosiano. A estudiosa comenta avaliações feitas por Rosa a respeito da produção de pares e apresenta observações sobre criações em que o autor realiza crítica literária de modo ficcional. A ensaísta examina anotações do escritor relativas ao prêmio literário em que atuou como parte do júri e aborda os bastidores do concurso de que o prosador mineiro participou com a primeira versão de *Sagarana*.

Em “A imortalidade de um mortal ou o eu que sou na linguagem”, Telma Borges Silva analisa a repercussão da morte de Guimarães Rosa na imprensa nacional. A ensaísta relaciona o discurso jornalístico ao literário e trata de aspectos ligados à morte e à imortalidade do escritor. Telma Borges amplia a discussão estabelecendo reflexões sobre a sobrevivência das criações do autor na atualidade por meio de projetos culturais, exposições, releituras, recriações e críticas a respeito de sua produção. Seu artigo traz ainda um acentuado olhar sobre a trama de ritmos, sons e sentidos que contribuem para singularizar a escrita rosiana.

Baseado-se também em informações recolhidas em arquivos públicos e privados e em depoimentos pessoais, Joana Passi de Moraes, em “Expedição a Mato Grosso, 1947: geografia, paisagem e lembrança”, traz informações sobre a expedição de que participou, como enviado do Instituto Rio Branco, o diplomata João Guimarães Rosa. O artigo discute ainda o texto “Sanga Puytã”, de *Ave, palavra*, como “exercício para compor um esboço da paisagem da expedição”. O texto trata ainda da relação que Rosa estabelece, em seu discurso de posse na Sociedade de Geografia do Rio de Janeiro, entre poesia e a geografia.

Por fim, fechando o conjunto dos textos que compõem o número, apresentamos um grupo de trabalhos que enfocam relações interartes. A partir do título do conjunto de novelas de Guimarães Rosa, Joelma Rezende Xavier, em “Sobre Bailados de *Corpo de baile*: uma análise comparativa entre literatura e dança no texto rosiano”, propõe uma leitura original das figuras da dança na construção do livro, articulando a composição de personagens rosianas com perspectivas teóricas sobre o corpo, o gesto e a coreografia na crítica contemporânea. Particular destaque é dado à metaforização e representação do movimento, com consequências produtivas para a leitura dos perfis femininos das sete novelas e para a dimensão ritualística desta obra de Rosa.

Também o ensaio de Ivana Ferrante Rebello e Osmar Pereira Oliva, intitulado “*Grande Sertão: veredas* em luz e sombra”, parte de uma interessante aproximação entre artes para construir uma proposta de revisão de dimensões representativas da obra de Guimarães Rosa. Neste caso, a aproximação é teórica e também documental. Partindo dos materiais de arquivo, os autores percorrem as marcas de um interesse de Guimarães Rosa por pintura, relendo depois, à luz das questões teóricas assim destacadas, a representação cromática em *Grande sertão: veredas* e o seu valor na construção da sexualidade das personagens.

Ainda na linha dos estudos interartes, apresentamos a entrevista “‘Tudo é sertão’: entrevista com Bia Lessa sobre a adaptação de *Grande sertão: veredas* para o teatro”, realizada com a diretora pelas professoras e pesquisadoras da PUC-Rio, Helena Franco Martins, Lívia de Sá Baião e Marília Rother Cardoso. O texto aborda a realização da peça *Grande sertão: veredas*, trabalho dirigido por Bia Lessa. A entrevista oferece aos leitores importantes considerações a respeito das intrincadas relações existentes entre literatura, teatro e cinema, tendo como foco central ações ligadas ao processo criativo. A ideia de uma arte indomável, inovadora, questionadora, não submissa a parâmetros mais comuns do mercado cultural, e a proposição de uma potência inventiva alegre – que conjugue arte e política – sobressaem nesta conversa sobre a instigante produção de Bia Lessa.

Claudia Campos Soares

Roniere Menezes

Clara Rowland

Ettore Finazzi-Agró